Mãos que resam. Mãos ainda em botão...

mocidade portuguesa feminina

Com uma simpatia e um sucesso dignos de nota, realisou-se em tôdas as Escolas do país, promovido pela Mocidade Portuguesa Feminina, um peditório a favor das crianças finlandesas.

Obra das Mãis pela Educação Nacional

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina, Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8. — Telefone 4 6134 — Arranjo gráfico, gravura e impressão de Neogravura, Ltd.ª, Travessa da Oliveira, à Estrêla, n.ºs 4 a 10 — Lisboa

N.º 12

ASSINATURA AO ANO: 12$00
PREÇO AVULSO 1$00
BOLETIM MENSAL — ABRIL-1940

SUMARIO

Condessa de Rilvas

PASSOU há pouco — no dia 29 de Março — o aniversário da senhora Condessa de Rilvas, ilustre Presidente da Obra das Mãis pela Educação Nacional.

O nosso Boletim é, de algum modo, a voz e o coração da M. P. F.; porisso queremos apresentar aqui a Sua Excelência os nossos cumprimentos em que o respeito e o carinho se unem numa grande admiração pelas qualidades pessoais e a obra realisada pela senhora Condessa de Rilvas, e o amor com que retribuimos o seu amor pela «Mocidade».

Quando no 1.º de Dezembro de 1939 a senhora Condessa de Rilvas se dignou presidir à sessão solene da «Mocidade» realisada no liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, todas nós recolhemos comovidamente as palavras de Sua Ex.ª que, comovidamente também, manifestou a sua «grande consolação em verificar o renascimento admirável que principia e se opera lentamente, mas com segurança, na nossa Mocidade Feminina».

Graças a Deus, é verdade: a nossa Mocidade vai-se transformando e essa transformação é já sensível, embora não seja ainda completa. Transformações instantâneas, só por milagre! As que se realisam pelo nosso próprio esfôrço, demoram tempo...

Mas se a Deus devemos graças pela messe que aloura tão prometedora, devemos também os nossos agradecimentos enternecidos aos semeadores que lançaram a semente à terra, pondo nesse gesto tanto coração e tanto ideal que Deus não poderia deixar de o abençoar — como o abençoou!

Que os frutos da seara — que serão pão para Portugal inteiro — sejam para a Senhora Condessa de Rilvas a sua melhor recompensa!

"Quando tudo parece perdido...
...É então a hora das grandes almas,,

FALAM à nossa volta em horas más que o mundo está vivendo. Há pessimismos. Há quem se desalente. Já se foge ao dever de cada hora, como quem diz —: Não vale a pena! Vai tudo sossobrar... Já não há remédio...

São os Jeremias da hora que passa que assim falam. Os derrotistas. Nunca fizeram nada e nunca deixaram fazer nada, esta raça de creaturas de Deus. Gemem — só sabem gemer.

Mas que fôsse verdade; que seja verdade que o mundo está perdido — que a esperança se tinha ausentado da nossa Terra — seria então... a nossa hora.

Dizem-vos que já está tudo perdido?

Mas enquanto houver um coração que ame e uma alma que alimente um Ideal, e uma vida que se ofereça para fazer alguma coisa... não está tudo perdido...

Um coração basta para aquecer o mundo...

...para incendiar a terra...

para erguer as almas mais desalentadas aos mais altos cimos.

Raparigas da M. P. F.: chegou a vossa hora. *Vamos ao trabalho, com os olhos no Céu. Vamos semear. Vamos regar com nossos suores e nossas lágrimas de confiança e até com nosso sangue de sacrifícios — os mais heróicos, (até à morte, se tanto fôr mister) — os campos das almas e, crêde, hão-de aparecer depois, outras almas... e outras, muitas mais...*

Hão-de nascer almas das almas na nossa Terra...

...e todo o nosso Portugal vai florescer, vai ser jardim de corações novos, forjados em nova oficina...

...e já se houve até o hino da Vitória gritado das barbacãs dos nossos castelos... erguem-se cruzeiros e pelourinhos e padrões...

Renasce a Esperança.

Entra a Certeza na nossa Casa.

Aleluia! Aleluia!

Não pode tudo estar perdido. Ainda vivem as vossas almas e os vossos corações...

É a vossa hora!

* * *

Cumpri. Bom trabalho a encher cada dia. Fiéis ao dever de cada hora.

E as aves agoirentas não piarão mais — nem os choramingas, nem os desalentados subirão as escadas da vossa casa.

Cumprir! Cumprir! mesmo que as outras não cumpram, ainda que todas desertem, a-pesar-de todas as traições e infidelidades e deserções.

Cada uma no seu pôsto! ***É a nossa hora!***

G. A.

A Nossa Luz

Deus fez estrêlas para a noite imensa;
O sol, mais belo, para ornar o dia;
Depois, deu-nos o amor: pois bem sabia
Haver a núvem, gélida e suspensa...

Os homens, não contentes, (por avença
Com Deus que em orações se pagaria,)
Quizeram a candeia: a companhia
De quem trabalha, quem vigia e pensa.

Maria! o céu espalha a luz, a rôdos;
Mas luz que não é nossa, que é de todos:
De todos, cada estrêla, o sol e a lua.

Minha — e só minha! — apenas a candeia...
Não digo bem! Assim, fôra só meia
Tanta ventura... Amor! é minha, e tua.

A Candeia de Assis

No divino retiro da montanha,
Na clara Porciúncula bemdita,
O Santo, entre as mil coisas que medita,
De orações e de cantos se acompanha:

— «A vida, Senhor Deus! como é tamanha:
Irmã fogueira, que por nós crepita;
Louvor, trabalho, amor: lenha infinita...
E haver na terra quem a não apanha!» —

À candeia, dizia: — «Ó companheira!
És tu a bela imagem verdadeira
Da vida, em seu esfôrço e amor profundo:

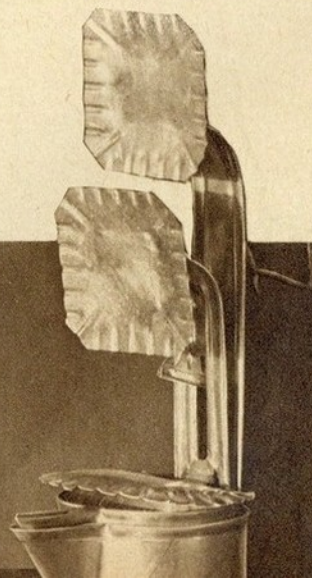
«Iluminar a Noite, de hora a hora;
E só morrer, — para render na Aurora
A luz já não precisa neste mundo...» —

A Graça

E a tímida luzinha, que esvoaça
No pélago das sombras, ao nordeste,
Murmura, assim, em sua voz celeste,
Dos âmagos da vida: — «Eu sou a Graça!

«Eu sou a que revelo, a quanto passa,
A forma, a côr eterna que reveste...
Dou harmonia à confusão agreste;
Convêrto a Noite, ao canto da vidraça.

«Eu sou o amor; sou oração, vigília.
Sou a Estrêla do Norte, entre a família,
Ao pé da Cruz, sôbre o leito, à ceia.

«Sou a que vou, e estou. A que procura.
Sem mim, é feia a própria formosura...
— Sou a graça dos olhos, a Candeia!

CURSO DE GRADUADAS

IMPRESSÕES DA 1.ª AULA NO

Abrigo dos Pequeninos

MAL os primeiros lampejos do dia se divisaram, eu, como que impelida por uma mola, levantei-me. Mesmo sem esfregar os olhos afastei um pouco as cortinas para vêr o tempo, e, oh desilusão! chovia torrencialmente! Já não bastava a noite ter-me parecido longa, senão ainda mais êste contratempo! A-pesar-de tudo preparei-me e antes da hora marcada, já algumas colegas minhas e eu nos encontravamos no «Abrigo dos Pequeninos».

Mãis entravam e saiam. Umas obtendo o leite para o bèbé que ficou em casa, talvez dormindo ainda, outras levavam-nos consigo para os pesarem.

Mas não é esta a secção que ali nos levou.

Depois de reünidas e tendo á nossa frente a nossa querida médica e professora, Senhora D. Maria Augusta de Vasconcelos, entrámos para o gabinete da distinta directora desta obra maravilhosa, Senhora D. Fernanda Chambers Tasso de Sousa, que nos recebeu amàvelmente e com um sorriso que nos deixa antever quanta bondade e abnegação existe em si.

Depois de conhecermos as instalações, vestimos as batas e começámos a ouvir com tôda a atenção as instruções dadas pela nossa ilustre médica.

A primeira coisa que nós devemos fazer, logo que nos levantamos, é lavarmo-nos. Pois bem, as crianças devem ser como nós; e como elas de manhã vêm sujas de suas casas, tratemos de as lavar. Que bem que sabe um banho e que boa que está a água! Algumas até parece que já sabem desempenhar-se dêste dever, pois enquanto lhes lavamos uma perna, vão elas lavando um braço, e, se nos descuidamos, também são capazes de nos lavar a cara.

Isto quere dizer que, para elas, constitue um prazer o que para algumas é um sacrifício.

O balneário é um encanto. Tudo tam pequenino, que mais faz lembrar uma casa de bonecas que de pessoas. E de bonecas é, não daquelas a que é preciso carregar numa mola para falarem, mas sim daquelas que, como nós já fomos, sentadas à mesa, enquanto esperam pela papinha, de mãosinhas postas dizem:

«Meu ico Nino Jeús ai pãoinho à minha mãinha e a mim xou nhinha».

Numas mesas que para nós seriam banquinhos de costura, é posta a comida que algumas crianças risonhas comem com vontade, outras sem ela, mas tudo desaparece.

Depois da Senhora Directora dar licença de se levantarem, alegres, dirigem-se para a sala de jogos, onde uns brincam com a bola, outros com arcos e nós, sentindo-dos também pequeninas e fazendo ressurgir as reminiscências que conservamos dêsse tempo, compartilhamos das suas brincadeiras. Também se organizou uma roda e como elas sabem cantar em còro e com entusiasmo!

«A'gua fria da ribeira»

. . . .

O tempo correu velozmente!

— Sabes que horas são? — preguntei a uma colega.

E' meio-dia e dez minutos e nós com aulas de tarde! Nesta altura, não foi por cabulice, mas apeteceu-me faltar a uma aula.

Bem, manda quem pode, que neste caso são as nossas obrigações.

Preparámo-nos, despedimo-nos da Senhora Directora e tão bem ou tão mal impressionadas ficámos, que já na rua olhámos para a porta dando-lhe também a despedida, e como se nos tivéssemos combinado, dissemos:

«Até dá vontade de se cá ficar».

Naturalmente muitas de vós, que me lêdes, não sabeis o que é o «Abrigo dos Pequeninos». E' um departamento da Câmara Municipal do Pôrto, obra do Estado Novo, que serve para tirar as crianças pobres dos maus tratos das pessoas a quem ficam entregues, enquanto as mãis vão para o trabalho.

Aí elas têm tudo o que lhes é indispensável. Roupas, comida, camas para dormirem durante o dia, assistência clinica proficientemente feita pelo Sr. Dr. Armando Tavares, brinquedos, uma praia artificial e inclusivamente o carinho da sua querida Directora que sabe, como ninguém, substituir êsse dom das mãis, que confiadamente deixam entregues as suas riquezas, durante o dia, a esta ilustre senhora e a quem se deve a boa organização que ali existe. Louvai, pois, esta obra e fazei-a chegar aos ouvidos daqueles que por acaso ainda a não conheçam.

Maria Arminda Grilo Aidos
Chefe de Castelo, filiada N.º 3357 - Centro N.º 17 - Ala 1
Provincia Douro Litoral

MÃOS QUE RESAM

RETRATO DE SENHORA. — Mestre desconhecido — Escola Portuguesa do Sec. XVI

O PRÍNCIPE D. JOÃO. — Mestre desco-

MÃOS que se unem para se erguer para Deus e que, erguendo-se, elevam a nossa alma...

Mãos que se apertam uma de encontro à outra, encerrando entre elas o nosso coração para o oferecer ao Senhor...

Mãos que se enlaçam, para bem juntinhas se abandonarem nas mãos de Deus, confiando-lhe tudo, entregando-nos a nós mesmos...

Mãos que resam...

Todas elas são agradáveis ao Senhor; sejam mãos de santos, a glorificar a Deus; ou mãos de pecadores, a psalmodear o "miserere"...

Mãos que resam...

Mãos de Maria. Mãos bemditas que ficaram consagradas por tocarem em Jesus...
Mãos misericordiosas que intercedem por nós...
Mãos consoladoras que aliviam as nossas máguas...
Mãos da Senhora das Graças, das quais descem sôbre nós todos os bens...
Mãos da Senhora das Dores que, amortalhando Jesus, nos baptizaram com as lágrimas dos seus olhos...
Mãos da Virgem Santíssima. Mãos de açucena que perfumam tudo em roda...
Mãos de Maria... Ogivas de beleza do Templo vivo de Deus!

Mãos que resam...

Mãos de criança.
Mãos inocentes que, quando se unem para orar, são como azas de anjos evolando-se para Deus...
Mãos infantis, que mal sabem juntar-se em oração, mas de que o gesto imperfeito afaga o Senhor, que pelas mãos dos pequeninos gosta de ser acarinhado.
Mãos ainda em botão, mas tão poderosas, que são elas que suspendem a ira de Deus, que as nossas iniqüidades desencadeiam...
Mãos de criança...
Ò mãis, juntai as mãos dos vossos filhinhos nas vossas próprias mãos, ensinando-lhes a resar: *Padre Nosso que estais nos céus...*

Mãos que resam...

Mãos sagradas de sacerdotes...
Mãos calejadas de operários...
Mãos exaustas de doentes...
Mãos artistas dos criadores de beleza...
Mãos espirituais dos que com a pena traduzem ideais...
Mãos de ricos que Deus enche para serem distribuidores dos Seus bens...
Mãos de mendigos, vazias e suplicantes...
Mãos de novos, vigorosas e fortes...
Mãos de velhos, já quási frias...
Erguei-vos todas, igualai-vos todas no mesmo gesto divino!
Sêde todas: **mãos que resam!**

COCCINELLE

VITRAL

Mãos em ogiva, erguidas para a Altura,
Mãos erguidas em alma para Deus;
Mãos divinas de etérea formosura,
Mãos lácteas, de luar, lembrando os céus;

Mãos para Deus, erguidas numa prece,
Que nem os lábios sabem murmurar;
Como se acaso o coração quisesse
Por essas mãos a Deus se levantar;

Mãos erguidas ao Céu, corações de alma.
Impregnadas da luz etérea e calma,
Em que ela própria, um dia, se envolveu.

Mãos erguidas ao Céu — ânsia bemdita —
Mãos erguidas a Deus — prece infinita —
Ogiva unindo o coração e o Céu!

A VIRGEM ORANDO. — Escola Neerlandesa — Sec. XV-XVI

FIGURA DE CAVALEIRO. — Nuno Gon-

A verdade histórica sôbre D. Teresa, Infanta de Portugal e Rainha de Leão, é a narrativa singela dum grande amor infeliz.

Vamos relembrá-la simplesmente, com a piedade que nos inspira uma das páginas mais dilacerantes da história da mulher na História de Portugal. A preferência da princesa pela vida religiosa é-nos afirmada pela Igreja que mais tarde a beatificou. (Nós sabemos apenas da sua infância que foi a neta preferida del-rei D. Afonso Henriques).

Mas sacrificando-a às conveniências politicas, D. Sancho I, seu Pai, acedeu prontamente à proposta de casamento que lhe fazia o rei de Leão Afonso IX, obrigando-a a aceitar.

Foi em Guimarãis no ano de 1191. Refloriam os terrenos de suave declive e os outeiros semeados de penedos. Chegara a Primavera à païsagem risonha das viçosas margens do Ave até ao frondoso arvoredo da serra de Santa Catarina.

E chegara à côrte portuguesa o rei leonês que vinha tomar por espôsa a linda Infantasinha de treze anos dando-lhe em arrhas algumas rendas das terras e castelos do seu reino. Principiando por obedecer ao marido como sempre obedecera aos pais, a Rainha menina depressa conquistou o seu coração. As suas virtudes eram evidentes. Não se contentava em remir os cativos dos infiéis, arranjava dotes para as raparigas órfãs, mandava dar fatos novos a dôze mulheres e a dôze homens todos os dias de festa e reformou de modo notável os costumes da côrte em que vivia.

Porque a sua caridade era o seu egoïsmo, transformou o egoïsmo dos outros em caridade.

E em breve a ligou ao marido não apenas a obediência devida mas a mais profunda afeição.

Estavam os soberanos em pleno gôso do seu lar, onde haviam já nascido três filhos, quando o Papa Celestino III, sabendo que eram primos, lhes anulou o casamento e ordenou a separação.

Afonso IX de Leão, como rei que se julgava poderoso e como homem feliz, procurou resistir durante cinco anos à condenação pública da união proïbida pelas leis eclesiásticas. Mas o Papa, inflexivel como convinha às sociedades desorganisadas daqueles tempos, lançou o interdito e venceu pela ameaça terrivel da excomunhão contra os dois reinos de Portugal e Leão.

Os documentos não dizem — nem isso interessa a História pròpriamente dita — como se despediu do marido e dos filhos a desditosa Rainha que voltando à Pátria se recolheu no Mosteiro do Lorvão onde seguiu a ordem de Cistér. Nunca os homens deram importância ao martirio dum coração de mulher que para êles só vale pelo grau de poesia com que a vida recolhe os frutos do seu sofrimento: resignação própria e bondade para os outros.

A caridade tem a sua razão de ser... feminina!

. . . .

Sôbre a santidade de D. Teresa refere a Igreja que tão depressa entrou no convento, voluntàriamente se despojou das vestes reais, trocando-as pelas de criada.

Encarregava-se dos serviços mais pesados, servia os doentes e incitava-os à oração.

E mais nos afirma que várias vezes foi a Rainha vista resplandecendo de fulgurante claridade enquanto passeiava.

. . . .

Entretanto a História, mais sóbria e mais concisa na informação restrita dos factos consumados, atesta simplesmente que durante as discórdias havidas entre as Infantas portuguesas e seu irmão D. Afonso II, o soberano divorciado de D. Teresa, não só tomava o Castelo de Chaves como penhor da paz da antiga Rainha de Leão, como capitaneava um exército em defesa da que fôra sua espôsa, então cercada no Castelo de Montemor.

Herculano diz mesmo que Afonso IX de Leão vinha «acompanhado de seu filho D. Fernando que houvera da Rainha D. Teresa».

Não nos consta, todavia, que tivessem avistado a Rainha e Senhora que vinham defender.

E apenas se sabe dêste principe que dava grandes esperanças de bom sucessor do trono. Mas a morte prematuramente o arrebatou.

A entrevista de que temos noticia muito mais tarde é da rainha Dona Teresa, em Valença do Minho, com a segunda mulher de seu marido D. Berengária.

Foi preparada pelos Prelados de Leão e Portugal para a concordância sôbre a herança de Afonso IX de Leão.

O soberano, que além de valoroso guerreiro foi notável no «zêlo da justiça» e de quem os historiadores são unanimes em afirmar que *muito contra sua vontade deixou a Rainha, e mal podia causar agravo a Portugal com o que padecia*, até depois da morte manifestou a preferência dada a sua primeira mulher deserdando os filhos de D. Berengária para deixar o reino de Leão às filhas de D. Teresa de Portugal.

O filho de D. Berengária (que também se chamou Fernando) revoltou-se com as disposições do Pai e dispunha-se a reclamar pelas armas.

Logo se formaram dois partidos. As Rainhas encontraram-se então assentando que a D. Fernando coubesse o reino e às Infantas algumas terras e trinta mil cruzados de alimentos por ano.

Em breve o Papa Gregório IX confirmava êste acôrdão.

. . . .

Cita e traduz Brandão um documento do Cartório do Lorvão que não tivemos ainda a sorte de encontrar e que muito nos interessaria pelo que vinha favorecer a ideia que formamos dos repetidos auxilios de Leão às Infantas Teresa e D. Sancha:

Parecem-nos mais de ordem sentimental que interesseira. Senão vejamos.

E' já do reinado de D. Fernando, filho do segundo matrimónio de Afonso IX, o curioso pergaminho que prova quanto o rei leonês garantiu a segurança à que fôra sua esposa muito amada. Eis o teor do dito documento:

«Saibam todos os presentes e futuros que esta carta virem que estando eu, D. Fernando, rei de Castela, Toledo, Leão e Galiza no Sabugal com El-Rei de Portugal meu parente aonde nos ajuntamos por praticar em negócios, lhe prometi dar o Castelo de Santo Estevão de Chaves e nisto conviemos eu e minha mãe a Rainha D. Berengária e minha mulher a Rainha D. Brites, que se lhe faria entrega dela até S. João próximo. Não se pode porém efectuar nossa promessa até se eximir o dito Castelo do preito que tinha feito à Rainha D. Teresa pela sua segurança e eximimo-lo nesta forma, e foi prometendo eu que se el-rei de Portugal fizer dano nos Castelos e mais coisas que a Rainha D. Teresa possue em Portugal, fico obrigado a defende-la e ajudá-la e a seus castelos e herdades, como se fôssem minhas, o que prometo cumprir a boa fé.

E em caso que o Senhor disponha de minha vida, a Rainha D. Berengária minha mãi e minha mulher a Rainha D. Beatriz e o filho que me suceder serão obrigados dar a tudo isto cumprimento. E para êste assunto ser notório, mandei roborar de meu selo a carta presente.

Dada em Zamora a 13 de Abril de 1269 que é o ano referido de 1291.

Não pertencemos ao número dos que, pretendendo não se enganar nunca, explicam tudo pelo interêsse e pela ambição. Não nos espanta a cobiça do castelo português, como não desdenhamos acreditar que neste procedimento do monarca espanhol pudesse haver gratidão pela pronta cedencia do reino de Leão feita por D. Teresa.

Mas o que persiste sem dúvida acima de tudo é a mesma ordem de ideias em que seu Pai tão bem o instruira antes de acabar inesperadamente os seus dias a meio caminho da peregrinação a Santiago, onde ia agradecer o auxílio implorado para a jornada de Mèrida.

. . . .

Da Rainha D. Teresa consta mais que obteve de Santo António o milagre (que no Algarve anda nas cantigas do povo) de fazer tornar à vida sua filha D. Dulce (ou Aldonça) que conforme se depreende do testamento del-rei D. Sancho I a acompanhou a Portugal. A êste extraordinário favor do Santo mais querido da gente portuguesa refere-se entre outros Frei Marcos de Lisboa na crónica dos frades menores de S. Francisco.

Sem margem para grandes dissertações, diremos contudo que muito nos enternece esta graça de Santo António à pobre Mãi a quem a sorte arrebatava os outros dois filhos que ficaram com o Pai.

Teve a Rainha de Leão o conforto espiritual de vêr retratadas as suas altas virtudes na filha mais velha D. Sancha, Comendadeira mór do real Convento de Santa Eufémia no Bispado de Valencia. Apesar do manifesto auxílio divino à resignação de D. Teresa e, do seu ardente desejo de maiores penitências, ousamos discordar de *Alexandre Herculano* quando diz que D. Mafalda *mereceu mais que suas irmãs ser contada no número dos santos.*

O Grande Pontifice Inocêncio III tão excepcionalmente considerou a Infanta D. Teresa que, no Brève expedido de Leão (em França) no ano sexto do seu pontificado, não se limitou a reconhecer os seus méritos nem a louvá-la; pediu-lhe a sua protecção para o Estado Eclesiástico. E' que os laços que prendiam a desditosa Rainha à vida que lhe foi dado conhecer em tôda a plenitude dum amor feliz e da mais devotada maternidade são mais respeitáveis que todas as condições duma fortuna mais ou menos injustamente reduzida. E porque mais sofreu e mais amou, melhor se santificou na aceitação da vontade do Senhor. Saber perder a felicidade sem revolta é o único testemunho humano de amor a Cristo.

O resto é ainda e sempre o mesmo anceio de felicidade pela Fè, pela Esperança e até pela Caridade.

BERTHA LEITE

Sêlo rodado em que figuram D. Sancho I, sua mulher D. Dulce e seus filhos, em um documento de 1196

PAGINA DAS LUSITAS

Por MARIA PAULA DE AZEVEDO

ERA UMA VEZ...

As tagarelices da Senhora Maria

FRANCISQUINHA estava de cama: e como passara de todo a febre e já não tinha dores nenhumas, sentia-se aborrecida e queria ser entretida.

— Porque não vem a Mãi contar-me histórias? — Suspirou ela. Mas a Mãi tinha tanto que fazer! e acabavam de chegar umas visitas de cerimónia.

— Queres que a senhora Maria venha conversar contigo, filhinha? — preguntou a mãi antes de ir para a sala. — Tu costumas arreliá-la bastante quando ela vem coser cá para casa, mas hoje...

— Mande-a vir, Mãisinha, mande-a vir! — exclamou Francisquinha, tôda contente.

E a velha senhora Maria, com os óculos acavalados na ponta do nariz, o cabelo muito arripiado, uma romeirinha de «crochet» sôbre os ombros, veiu instalar-se com a sua costura junto à cama de Francisquinha.

— Ande, conte-me coisas — pediu a pequena.

— Ora a minha vida: que hei-de eu contar à menina?

— Histórias de fadas e bruxas não quero.

— Pois é o que eu sei melhor As três cidras do amor, Os três cabelos do Diabo, A Brancaflor...

Francisquinha franziu o nariz.

— Olhe, sabe? eu só gosto de coisas que aconteceram. Mas se calhar a senhora Maria não sabe nada da História de Portugal — concluiu.

A senhora Maria, porém, com um sorriso entendido, declarou inesperadamente:

Pois está a menina muito enganada! Não qu'eu servi em casa dum senhor, que Deus tem, qu'era um sabichão d'alto lá com êle! Lá é qu'aprendi a ler e a escrever, e até me deu de prenda d'anos um livro, que só tratava da História de Portugal, que é, como quem diz, a História da nossa terra!

Francisquinha estava espantada.

— E a senhora Maria lembra-se do tal livro? — preguntou.

— Se me lembro! Está tudo aqui (e bateu na testa) nem que fôsse uma escritura! Quer a menina que lhe conte como foi isto tudo da Restauração de 1640?

— Quero! Quero! — gritou Francisquinha — Tanto mais que êste é o ano dos centenários, é o ano em que se festeja...

— Sim senhora — cortou a senhora Maria com entusiasmo — Festeja-se a criação da nossa terra e a corrida que demos à hespanholada, que p'ra cá tinha vindo em má hora!

Francisquinha bateu as palmas de contente e a senhora Maria começou:

— Ora no tal ano de 1640 a gente por cá não andava senão a resmungar. Pudera! Espanhóis a mandar havia já sessenta anos no que era nosso muito nosso, trabalhadinho com o nosso suor havia 500 anos! Impostos a pagar com língua de palmo e tudo para favorecer os inimigos: não julgue a menina que êsses impostos eram como os que costuma haver para pagar as obras das terras e tudo o que é preciso. Nada d'isso. Não havia alegria; não havia fartura; não havia justiça; não havia felicidade. E até que chegou um dia...

— Ai que rico dia êsse foi, senhora Maria!

— Isso é que é certo, menina! Mas antes que tal dia chegasse muito tempo levou a combinar as coisas bem combinadinhas para poder correr com o inimigo para fora de Portugal. Juntavam-se os fidalgos muitas vezes no palácio d'um dêles chamado D. Antão d'Almada...

— No Rossio, com uma grade à frente!

— Tal qual. Outras vezes quem mexia tudo era um tal doutor chamado João Pinto Ribeiro, esperto como um alho. E as coisas foram-se combinando tão bem que lá se marcou o dia em que rebentaria tudo: o dia 1 de Dezembro.

— Faz agora 3 séculos que isso foi!

— Calhou nesse ano ser um sábado, e estava uma linda manhã de sol. Juntaram-se os revoltosos todos no Terreiro do Paço: e quando deram as 9 horas enfiaram pelo Paço dentro em correrias loucas!

— Quem é que lá morava?

— A vice-rainha espanhola, uma tal duqueza de Mântua; e um ministro que era dos nossos, sim, e não era...

— O que diz, senhora Maria?!

— Sim, menina, era assim: o homenzinho chamava-se Miguel de Vasconcelos e era português; mas tôrto como um arrôxo, cruzes canhoto! e todo feito com os espanhóis, a receber dinheiro dêles e tudo. Por isso os revoltosos andaram lá dentro em cata do homem e... mataram-no, atirando-o da janela abaixo!

— Foi bem feito!

— Lá isso também eu digo, menina. Depois, um dos fidalgos, o mais velho com 80 anos feitos, chamado D. Miguel d'Almeida, chegou a uma das janelas e gritou: Liberdade! Liberdade! Viva El-Rei D. João IV! e cá em baixo está-se a ver, menina, o que foi a berrata do povoléu! Eram vivas e mais vivas, à liberdade, à nossa terra, ao Rei D. João IV...

— Se eu lá tivesse estado havia de gritar também!

— Pudera, menina, pudera! E aqui tem a menina o que se passou naquela rica manhã, abençoada para a terra portuguesa!

E Francisquinha, entusiasmada e encantada com a narrativa da senhora Maria, abraçou-a com amizade.

AVENTURAS DE

Rosa Teimosa

— Estou — respondeu ela.

— Se queres fugir esta noite, eu preparei tudo! — Rosa ia gritar.

— Arrasta-te até ao carvalho velho; eu prendi o cão grande. Larga os farrapos no carvalho, veste umas calças minhas e uma camisola que lá deixei, lava bem a tua cara negra e...

— E?... — murmurou Rosa.

— E segue para o cais, que é aqui perto. Aqui tens dinheiro meu, que te dou...

E Omar meteu-lhe na mão um saco pequeno.

— Para onde vou? — preguntou Rosa — para Lisboa?...

— Isso... Agora o que pude arranjar-te é só a saída daqui. Entra na barcaça que está encostada ao cais e pregunta pelo Ben, que é cigano e meu primo.

— E tu, Omar? — tornou Rosa.

Omar calou-se; e pegando nas mãos pequeninas de Rosa beijou-as devotamente, regando-as com lágrimas ardentes.

— Vai, Rosinha, vai depressa antes que Zógar acorde — murmurou.

Não foi possivel para Rosa, fraca como estava e com dez anos apenas, descobrir, através da noite escura, o cais e a barraca...

Ia seguindo apressada, quási a correr! e quando chegou a um largo pareceu-lhe vêr brilhar água à luz fraca duma estrêla. Aproximou-se e viu que era um tanque. Lavou a cara, as mãos, os braços, esfregando com tôda a sua fôrça: e sentiu-se quási animada, tão forte era a esperança de fugir para longe, muito longe, dos seus perseguidores!

O principal, agora, era achar a barcaça e o Ben amigo de Omar, visto que só êle estava prevenido e preparado para a sua fuga. Foi, pois, seguindo à tôa; e eis que, à medida que o crepúsculo da manhã ia surgindo, viu perto do largo onde estava uma quantidade de mastros e barcos encostados: era o cais!

Foi-se chegando, contente, esperançada.

Os barcos eram tantos... E quem se importava com aquele garôto miúdo, de calças larguíssimas e camisola esburacada?

Parou, desconsolada. Tinha tanta fome...

Um vulto saíu dum dos barcos, trepou para o cais e chegou ao pé de Rosa, murmurando-lhe ao ouvido:

— Te llamas Rosita, chica?

Rosa gritou, radiante:

— Sim! sim! sou Rosa...

Mas o rapaz, rindo, aconselhou:

— Schiu... Schiu... Venga-te, niña — e, agarrando-a quási ao cólo, depositou-a no fundo do barco.

Pouco depois, em silêncio, o barco içou uma enorme vela e fez-ao largo.

Rosa, exausta, adormecera; apesar-da fome, da fraqueza, da horrível situação em que se encontrava, uma sensação de alívio e de esperança invadira a sua alma, e o sôno era calmo e profundo como são os sônos das crianças..

Horas passaram... E, em pleno mar alto, Rosa acordou, enfim; espantada de se vêr vestida de homem, num barco de pesca, junto a quatro pescadores que a olhavam com simpatia, e comiam sardinhas, assadas ali mesmo sôbre umas brasas!

Um dêles, trigueiro como Omar, e parecido com êle, disse-lhe em português:

— Não queres uma sardinha, chiquita? Olha que eu já estive em Portugal com a minha gente, porque sou cigano. Podes falar comigo a tua língua.

— Obrigada, Ben; és o primo de Omar? — preguntou Rosa, cujo coração trasbordava de gratidão pelo pobre amigo que a tirara do inferno em que estava.

— Eu sou tão amigo dêle!...

Ben sorriu, contente.

— Omar é joia de oiro! mas não quere deixar a vida cigana, como eu deixei... A velha Mikal olha por êle com amor. E agora tu, Rosita, para onde te levaremos?

— Queria ir para casa — murmurou Rosa, com os olhos cheios de lágrimas.

— Chiquita és preciso comer — declarou o mais velho dos pescadores, trazendo-lhe fatias de pão escuro e uma sardinha assada.

E Rosa, comeu, com delícia, a

sardinha de pele negra e tostada!

— Una mas! — gritou-lhe outro pescador, trazendo outra sardinha na ponta dum garfo de chumbo.

E Rosa, já sorrindo à vida, ia comendo com verdadeiro apetite o rude manjar.

No fundo do barco, bem abrigada do vento e da água, os bons pescadores preparam-lhe uma cama primitiva; e, coberta com as grossas mantas impregnadas de cheiro a mar, Rosa dormiu dum sôno até a madrugada seguinte.

Lembrou-se, então, que não agradecera ainda a Nossa Senhora a protecção tão evidente que lhe tinha dado... Ajoelhou, pôs as mãos e rezou com tôda a sua alma nas palavras que os seus lábios murmuravam:

(Continua)

A sala de jantar é um dos compartimentos da casa que deve merecer-nos maior atenção e cuidado. E' na sala de jantar, em roda da mesa, que a familia se reúne pelo menos duas vezes por dia: ao almoço e ao jantar.

As horas das refeições devem ser horas de intimidade agradável, para a qual tudo contribua: o arranjo da sala, o aspecto da mesa, a boa apresentação da comida, a nossa boa disposição, etc.

Convém que a sala de jantar seja alegre. Houve tempo em que era muito costume pintar o tecto da sala de jantar e forrar as suas paredes de escuro. As mobilias eram também escuras e austeras. A sala de jantar apresentava quási sempre um conjunto pesado e sombrio, o qual era apenas atenuado pelo brilho das pratas — quando as havia! Essa moda passou. E hoje as côres claras e alegres, condenadas antigamente, reinam na sala de jantar.

Os reposteiros foram substituidos por simples cortinados ou cortinas brancas, e as mobilias, embora em grande parte continuem a ser escuras, já sobressaem no fundo claro das paredes.

Os estilos consagrados durante anos — Luis XIV, Henrique II, Renascença etc. — deixaram de ser quási obrigatórios; cada um mobila a sua sala de jantar conforme o seu gôsto e as suas posses, tendo em vista apenas uma coisa: tornar a nossa salinha de jantar alegre e bonita! Na sala de jantar, como em tôda a casa, devem evitar-se os móveis pretenciosos e complicados. A simplicidade e a utilidade são sempre as duas grandes regras a seguir.

Uns móveis simples mas a luzir de asseio são sempre bonitos, quer sejam encerados, polidos ou pintados de côr. Nas paredes deve-se evitar o exagêro de ornatos: uma Ceia do Senhor, uns escaparates com pratos, já chegam para enfeitar.

O chão deve ser encerado e, podendo ser, estende-se um tapete debaixo da mesa. Quem não possuir pratas nem cristais não deve pretender substituí-los por falsos objectos de arte.

Panos bordados e bem engomados, loiças portuguesas, jarras com flores, cestos com frutos, etc., ficam sempre bem, mil vezes melhor do que certos enfeites pretenciosos.

A mesa deve estar sempre bem cuidada.

Nem todos podem usar toalhas de linho; mas todos podem ter uma toalha de algodão ou mesmo de riscado bem lavada e desenxovalhada.

Nem todos podem enfeitar a mesa com orquideas num centro precioso e artistico; mas todos podem meter um punhado de malmequeres, um ramo de violetas ou um simples bocadinho de verdura numa jarra modesta.

Nem todos podem ter baixelas valiosas; mas todos podem evitar que os copos partidos, os pratos rachados, os talheres por arear, as colheres amolgadas, as garrafas sem rolha, dêem à mesa um aspecto desmazelado, que é tão feio!

Nem todos podem ter criados de libré para servirem de luvas à mesa; mas todos podem ser servidos por uma criada com um avental limpo e as mãos lavadas, e, se não tivermos criadas, podemos nós próprias apresentar na mesa as travessas bem preparadas.

Enfim, com boa vontade, com bom gôsto, com uma atenção cuidadosa, todas nós poderemos fazer da nossa sala de jantar um lugar agradável e confortável.

OLAR

A SALA DE JANTAR

Trabalhos de Mãos

TRÊS LINDAS RENDAS DE FILET

A MÃI

Quando nascemos é ela
Que nos sustenta e vigia,
Anjo da guarda que vela
A Vida que principia.

Em pequenos, são seus braços
Quem nos ampara e sustém;
O amor tem fortes laços
Mas nenhuns como o de mãi.

Seguindo p'la vida fóra,
É nosso guia também,
Como essa estrêla que outrora
Guiou pastores a Belém.

E quando a morte nos rouba
Da nossa vida essa estrêla,
Nós vemos que a vida tôda
Não vale nada sem Ela!

Amemos a nossa mãi.
Paguemos-lhe o Bem com o Bem,
Respeito e amor profundo.
E erguendo os olhos aos Céus,
Louvemos a Mãi de Deus
Que é Mãi das mãis dêste mundo.

MARIA DE LOURDES CLARO
Vanguardista
Ala 5 - Estremadura (Setúbal) Centro 1

INQUÉRITO SÔBRE O "DIA DA MÃI"

PREGUNTAS:

1.ª — Diga, em poucas palavras, o que pensa àcêrca do dia da Mãi.

2.ª — Festejou êsse dia? Como? Que homenagem prestou a sua Mãi? Se não festejou, diga as razões.

3.ª — Associou o seu pai e os seus irmãos a essa homenagem?

4.ª — Sua mãi ficou satisfeita?

RESPOSTAS:

(Continuação) Idade da Filiada — 16 anos

1.ª — O «Dia da Mãi» não foi instituido para que nêsse dia as filhas tenham maior amor a sua Mãi, porque êsse amor deve ser imenso e sempre o mesmo, mas é o dia em que elas lhe devem fazer sentir mais próximo êsse amor, em que a devem rodear do seu carinho. Estou certa mesmo que depois de festejar êsse dia, um laço mais apertado unirá a família e que os filhos compreenderão melhor a afeição que votam a suas mãis e elas sentirão uma infinita alegria ao sentir tão perto de si os seus entes mais queridos.

2.ª — Minha Mãi morreu quando eu tinha nove anos. No dia 10 pertenci um pouco mais ao passado; recordei a minha infância junto dela, que era a melhor das mãis; procurei lembrar-me dos seus gestos e das suas palavras, procurei ter diante dos olhos a sua imagem quando ela nos contava histórias; prometi-lhe que nunca as minhas acções a entristeceriam, que procuraria ser boa como ela. Nêsse dia ouvi missa em sua intenção e quando rezei à noite, rezei mais do que o costume, pedi a Deus que me fizesse boa para eu poder tornar a encontrar a minha Mãi.

4.ª — Associei.

5.ª — Tenho a certeza de que Ela me compreeendeu e que ficou muito satisfeita.

Idade da Filiada — 14 anos

1.ª — A iniciativa de dedicar um dia especial às nossas mãis, é merecedora de admiração e carinho. Nêsse dia, todos devem compreender como é admirável e nobre a sublime missão das nossas mãis!

2.ª — Devo confessar que comecei êsse lindo dia por uma resposta dada, um tanto bruscamente, a minha mãi. Mas a uma reflexão amigável desta, senti-me deveras arrependida e resolvi pedir-lhe desculpa, o que não me custou pouco...

Depois ofereci-lhe um simples raminho de violetas muito modesto, embora; mas pareceu-me que êle simbolisava o meu profundo amor por ela. As pobres florzinhas porém, murcharam, mas as da minha dedicação, essas nunca, nunca hão-de murchar como as violetas!...

A' noite pedi por ela a Deus com todo o fervor da minha alma.

3.ª — Não tenho irmãos. Meu pai deu-me o dinheiro para comprar o simbólico raminho.

4.ª — Sim, a minha mãizinha querida beijou-me comovida e quàsi chorando! Como me senti feliz! Como Deus é bom!

Idade da Filiada — 15 anos

1.ª — O «Dia da Mãi» é destinado especialmente para os filhos demonstrarem a sua gratidão, respeito, carinho e obediência àquela que é sua Mãi. Nós, filhas, raparigas, sentimo-nos felizes nêsse dia por podermos mais uma vez pôr em evidência o nosso amor filial, mas também porque êsse dia desperta em nós o amor maternal. Ao vermos as nossas mãis sorrirem ou chorarem de alegria quando recebem as nossas homenagens, sentimos já, que felizes seremos também um dia se... Oh! lembrar isto é ter amor à Vida, à Mãi, à nossa querida Mãi, por nos lembrarmos que um dia... também o seremos.

2.ª — Não festejei êsse dia, dando a minha Mãi uma prenda de valor, pois eu sei que ela aprecia mais um simples napperon ou umas singelas flôres. Como minha Mãi, porém, festeja o seu aniversário no dia 25 de Dezembro, não lhe ofereci nem o simples napperon, mas já o ando a confeccionar para êsse dia a presentear. Dei-lhe, porém, um beijo em que se traduzia todo o meu amor por ela. Ajudei-a no serviço doméstico, para lhe mostrar que eu já sou uma mulherzinha, que já a posso ajudar e prometi-lhe fazer para o futuro *mais e melhor*.

3.ª — Associei meu pai a esta homenagem e, nêsse dia, eu, meu pai, minha mãi e minha avó, podiamos bem personificar a «União da Familia».

4.ª — Sim. Minha Mãi ficou satisfeita. Li-lhe nos olhos que sorriam comovidos. Senti-o no seu beijo que traduzia a sua felicidade.

Idade da Filiada — 14 anos

1.ª — O «Dia da Mãi» foi uma das mais lindas idéias da «M. P. F». É realmente um dever nosso consagrarmos um dia do ano à nossa querida mãi.

2.ª — Festejei êste dia abençoado. De manhã fui à missa e ofereci a minha comunhão por minha Mãi. Ao voltar ofereci-lhe um pequenino trabalho que fiz exclusivamente para Ela.

Todo o dia fiz o possivel por não a contrariar, ajudando-a no que foi preciso.

3.ª — Tôdas as minhas irmãs ofereceram pequenas lembranças à nossa boa Mãisinha. Também meu Pai se associou à nossa grande alegria. À noite, ao rezar as minhas orações, dei graças a Deus por ainda me conservar a minha Mãi e pedi muito por Ela. Rezei também pelas almas de tôdas as mãis que morreram.

4.ª — Vi que minha Mãi tinha gostado muito dêsse dia e estava comovida pela grande afeição que todos nós lhe dispensámos.

No dia 17 de Dezembro dei mais uma alegria a minha Mãi, sendo premiada pela M. P. F. com uma farda.